

Irmã Cleusa, sangue mártir no rio Purus

A pastoral indígenista e a causa indígena estão de luto. Irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, missionária agostiniana recoleta e coordenadora do sub-regional Purus do Cimi Norte I, foi assassinada pelo índio **Apurinã** Raimundo Podivem, no dia 28 de abril, em circunstâncias misteriosas. Exames de raio-X, realizados no Hospital de Lábrea, indicaram que Ir. Cleusa teve seu crânio, costelas e um braço quebrados. Seu corpo, encontrado no rio Pacia, Amazonas, dia 3 de maio, em avançado estado de decomposição, foi enterrado no cemitério de Lábrea, com grande participação popular.

“Cleusa é nossa”, costumava dizer com carinho o povo **Apurinã**. A religiosa não media esforços na defesa da terra e da autodeterminação deste povo.

A morte de Ir. Cleusa tem estreita relação com a história do extrativismo da castanha no Purus. O crime atende aos interesses econômicos de Lábrea (políticos, comerciantes, fazendeiros etc) — invasores da Amazônia e do coração territorial dos **Apurinã**. Muitos são os inimigos deste povo, de família Aruak e população de 3 mil índios: a indefinição e os recuos da Funai em relação à demarcação das suas terras; a hostilidade da Câmara Municipal de Lábrea; o deputado José Lins de Albuquerque (PDS-AM); a violência policial; e os exploradores dos castanheais.

É certo que o assassinato de Ir. Cleusa tenha ligações com os interesses econômicos de Lábrea. Raimundo Podivem serviu na Polícia Militar do Amazonas e fez treinamento antiguerilha, em Manaus. Além da religiosa, Podivem assassinou ainda os índios Maria e Arnaldo (esposa e filho do tuxaua Agostinho, da aldeia do Japiim) e Francisco Gomes Martins, morador de Lábrea. A intenção era matar também



Fotos: Cimi Norte I

Agostinho — que lutava com firmeza pela demarcação da área apurinã e pela expulsão dos exploradores de castanha nas terras de seu povo.

A Funai, na figura do delegado regional da 8ª DR de Porto Velho e hoje superintendente-geral do órgão em Brasília, Apoena Meirelles, assumiu, em relação ao caso, uma postura omissa, displicente e irresponsável, senão de má vontade, dando a entender que se tratava de um mero caso de brigas internas (entre os **Apurinã**).

ENTREGA GENEROSA

Quem foi Ir. Cleusa? Nascida em Cachoeiro do Itapemirim, ES, a 12 de novembro de 1933, ela trabalhou em Lábrea em três períodos diferentes. Foi uma das fundadoras da casa de sua Congregação, em 1954, e lá permaneceu durante três anos. Em janeiro de 1979, foi novamente designada para um novo trabalho naquela cidade. Ocupou o cargo de diretora da Escola de 1º Grau Santa Rita, até outubro de 1984, sendo depois totalmente liberada para a pastoral indígenista. Ultimamente, vi-

Até quando
seus planos e tramas diabólicos
ceifarão vidas
no derramamento de sangue
dos pobres, dos inocentes,
dos **Apurinã**, como Arnaldo e
Maria
e dos que amam e defendem
os oprimidos, como Irmã Cleusa?

Irmã Cleusa, com os Apurinã de Caititu. A esquerda, protestos no dia de seu enterro

nhá exercendo a função de coordenadora do sub-regional Purus do Cimi Norte I. Corajosa, firme e dedicada, Ir. Cleusa levou a sério a sua opção pelos empobrecidos do Amazonas, entregando-se generosamente à causa indígena. O povo de Lábrea é testemunha de suas visitas ao hospital, aos presos, e à colônia de hansenianos.

A luta de Ir. Cleusa em favor dos povos indígenas não acabou. Notas de solidariedade à sua memória colocam, com clareza cristalina, que seu esforço tem cheiro de ressurreição na resistência apurinã. Os missionários Egidio e Doroti Schwade, do Movimento de Apoio à Resistência Waimiri-Atroari (Marewa), escreveram uma nota sobre seu martírio e o povo **Apurinã**. “Irmã Cleusa é a segunda vítima do Cimi no rio Purus, na dedicação à causa apurinã. A primeira foi o Pe. Afonso De Caro, que também morreu nas águas do Purus, solitário, em circunstâncias jamais esclarecidas. Duas mortes solitárias no interior do Estado do Amazonas. Duas pessoas que desafiaram o poder econômico nefasto que esmaga os **Apurinã**. Duas mortes que desafiam a Igreja da Amazônia metropolitana; desafiam o episcopado brasileiro — despreocupado com a solidão em que vivem os seus missionários”.

Até quando
continuarão rindo
na total certeza da
impunidade de seus crimes
dizendo-se Nova República!
Até quando
continuarão os órgãos oficiais,
Funai, Inkra, a serviço da
violência!
Até quando?
(Egon Heck)

ATÉ QUANDO?

Até quando
continuarão rindo
os opressores em Lábrea
dizendo: bem feito... bem feito
tinha que morrer mesmo!
quem manda se meter
com os caboclos?...

Arquivo

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Parantim

Data:

Julho/85

Class.:

Pg.:

05